

Yasmin Curzi

Fundação Getúlio Vargas –
FGV Direito Rio
E-mail:
yasmin.mendonca@fgv.br

Giullia Thomaz

Universidade Federal do Rio
de Janeiro – IFCS-UFRJ
E-mail: giullia.thomaz@fgv.br



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

Ciborgue das Trincheiras: A Mediação Tecnológica e a Mdiatização do Corpo Híbrido em Combate

*Trench Cyborg:
Technological Mediation And The
Mediatization Of The Hybrid Body In Combat*

*Cíborg de Trincheira:
Mediación Tecnológica y Mediatización del
Cuerpo Híbrido en Combate*

RESUMO

O ensaio propõe discutir a mediação técnica por meio de dispositivos móveis, em particular celulares, e seu impacto na comunicação de jovens militares dentro das trincheiras da guerra na Ucrânia. Tal mediação por smartphones e novas mídias formam um contexto ímpar para pensar a auto exposição a partir de um cenário de vigilância já distópico, porém agravado pelas condições de sobrevivência. Explora-se a oposição humano/tecnológico, incluindo críticas à objetividade científica e, assim, introduz o conceito de ciborgue conforme Haraway (2016). Destaca-se a contribuição crítica Haraway aos imaginários sociotécnicos que buscam se opor às dicotomias e binarismos que predominam na epistemologia ocidental. O ensaio propõe uma nova ontologia humana que abarque as contradições próprias do ser humano, em contraposição aos purismos do renascimento cristão e demais promessas da civilização moderna.

PALAVRAS-CHAVE: *Saberes localizados; TikTok; Guerra; Ucrânia; Ciborgue.*

ABSTRACT

The essay proposes to discuss technical mediation through mobile devices, particularly cell phones, and its impact on the communication of young soldiers within the trenches of the war in Ukraine. Such mediation through smartphones and new media forms a unique context for thinking about self-exposure from an already dystopian surveillance scenario, exacerbated by the conditions of survival. The human/technological-opposition is explored, including criticisms of scientific objectivity, thus introducing the concept of cyborg Haraway (2016). Haraway's critical contribution to sociotechnical imaginaries that seek to oppose the dichotomies and binary oppositions that dominate Western epistemology is highlighted. The essay thus proposes a new human ontology that encompasses the contradictions inherent to human existence, as opposed to the purisms of Christian Renaissance and other promises of modern civilization.

KEYWORDS: *Situated knowlegdes; TikTok; War; Ukraine; Cyborg.*

RESUMEN

El ensayo propone discutir la mediación técnica através de dispositivos móviles, en particular teléfonos celulares, y su impacto en la comunicación de jóvenes militares dentro de las trincheras de la guerra en Ucrania. Tal mediación a través de teléfonos inteligentes y nuevas formas de medios constituye un contexto único para reflexionar sobre la autoexposición desde un escenario de vigilancia ya distópico, pero exacerbado por las condiciones de supervivencia. Se explora la oposición humano/tecnológico, incluyendo críticas a la objetividad científica y, así, introduciendo el concepto de Haraway (2016). Se destaca la contribución crítica de Haraway a los imaginarios sociotécnicos que buscan oponerse a las dicotomías y oposiciones binarias que predominan en la epistemología occidental. Por lo tanto, el ensayo propone una nueva ontología humana que abarca las contradicciones inherentes a la existencia humana, en contraposición a los purismos del Renacimiento cristiano y otras promesas de la civilización moderna.

PALABRAS CLAVE: *Saberes situados; TikTok; Guerra; Ucrania; Cíborg.*

Submetido em 02 de outubro de 2023

Aceito em 20 de fevereiro de 2024

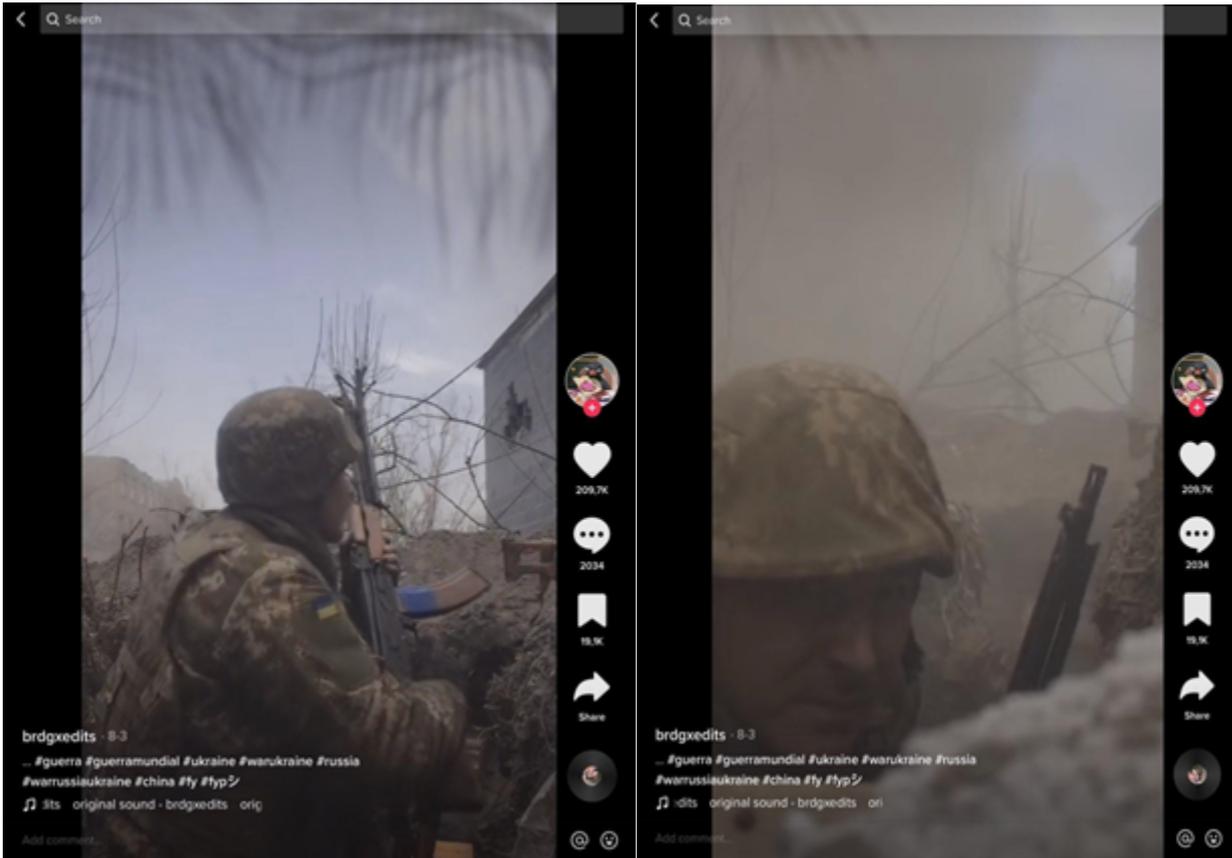
Introdução

Poucas horas do dia 1º de janeiro de 2023, nas trincheiras da guerra entre Rússia e Ucrânia, acontece um ataque aéreo histórico, capaz de causar a baixa de quase uma centena de soldados russos. A investida foi considerada extremamente bem-sucedida para o lado ucraniano que, em geral, não conta com ofensivas relevantes, visto a assimetria militar entre os dois países. Após o acontecimento, na cidade de Makiivka, na região de Donetsk, circulava na mídia a informação de que o sucesso do ataque se deveu à capacidade de apropriação das informações geradas pelos próprios soldados ao utilizarem seus celulares para contatar amigos e parentes na noite de ano novo. Ao fazerem essas interações os russos forneciam à inteligência ucraniana não somente informações sobre a quantidade de soldados de determinada região, mas as coordenadas para chegar até eles de maneira a surpreendê-los. Este pode ser entendido como grande exemplo de como uma guerra intermediada por dispositivos, capazes de gerar vigilância, não deixa espaço para a trégua.

Muitas são as maneiras de observar como a mediação digital de um confronto irá moldar os rumos das batalhas, das relações interpessoais no contexto de um conflito armado e, sobretudo, na experiência humana em situação de vulnerabilidade. Neste caso, da experiência de conectividade dentro de uma trincheira. Há, pelo menos, dois caminhos analíticos possíveis para a observação das mediações técnicas (Latour, 1994), visto que o conflito em questão acontece, no mínimo, em duas frentes. A renomada autora Shoshana Zuboff identifica isso como uma nova fronteira. Naquela que busca uma realocação das fronteiras físicas entre países em desacordo e, tão importante quanto, aquela que designa a nova fronteira do próprio capitalismo que, segundo Zuboff (2019), é a fronteira que avança sob a economia dos dados. Essa série de informações pessoais torna-se valiosa à medida que deixa de ser apenas informações pontuais e se torna uma coordenada valiosa sobre como agir em relação a determinado grupo de pessoas, por exemplo. Em escala individual, por outro lado, a “experiência humana é o material cru e gratuito que se traduz em dados comportamentais” (Zuboff, 2019, p. 1). A partir dessa perspectiva, que se concentra na experiência humana mediada digitalmente e compartilhada, é importante também investigar as camadas mais subjetivas dentro desse contexto. Isso inclui a dinâmica constante entre o que é individual e o que é compartilhado, ou seja, a subjetividade pessoal que se manifesta tanto em níveis individuais quanto em dimensões coletivas, como na interação dentro das redes sociais.

Conforme as Figuras 1 e 2¹, extraídas a partir da rede social *TikTok*, é possível observar nas imagens um combatente com uniforme das forças armadas ucranianas, munido de arma, aparentemente em local que pode ser compreendido como uma trincheira, que posiciona o celular para gravar o vídeo, mesmo diante de uma intensa troca de tiros.

Figura 1 e 2 - Prints de vídeo postado na rede social *TikTok*



Fonte: *TikTok*

¹ O vídeo postado pela conta “@brdgedits”, em 3 de agosto de 2023. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@brdgedits/video/7127483411584863494?q=brdgedits%20%23guerra&t=1696185064203>.

2 Comando, Controle, Comunicação e Informação (C³I)

É relevante observar, não apenas como a conectividade dos atuais aparatos tecnológicos já avançou ao ponto de estratégias militares serem prejudicadas por algo tão banal como celulares e redes de internet, mas para além disso, como a comunicação do mundo contemporâneo se transformou para fazer com que a conexão seja a norma. O que talvez configure como um absurdo para soldados mais experientes, para os novos soldados russos e ucranianos, é esperado que, mesmo em condições extremas como a de uma guerra, homens e, sobretudo, meninos, sigam se comunicando nas redes². Contudo, para além de uma questão de comunicação, a conectividade se tornou um estado, uma realidade *dada* para muitos dos soldados nas trincheiras.

O lugar comum da crítica popular a respeito dos celulares terem se tornado extensão dos corpos pode ser, neste caso, um ponto de partida interessante para pensar os corpos conectados e o que estes vêm produzindo sob o novo regime de vigilância. Algo que, com a ajuda de Lyon (2018), é possível enquadrar dentro do guarda-chuva analítico-conceitual da *cultura de vigilância*. Essa seria a mutação das atuais práticas de controle em que soldados se tornam fenômenos nas redes sociais a partir da mediatização de seu cotidiano nas trincheiras, por exemplo. É preciso pensar em outros termos além da vigilância de grandes atores como o Estado ou governos, considerando uma nova chave de relações as quais cabe avaliar o *engajamento* daqueles que produzem sua própria vigilância e daqueles que a consomem.

A isso, Lyon (2018) atribui ao crescimento da chamada modernidade digital segundo o autor, que ocorre desde o século XX, embora se expresse especialmente no século XXI (Lyon, 2018), o mesmo recorte temporal sobre o qual Haraway identificou uma população de quimeras, seres híbridos, hiperconectados (Haraway, 2016, p. 20). Na condição de convivência sob o regime e comando de muitas redes relacionais de informação, há, acima de tudo, a formação. Algo que vale especialmente, para a maneira como a comunicação é feita. Relacionar-

² Um dos casos mais impressionantes a respeito do comportamento inusitado de soldados russos no *front* tem sido o uso de aplicativos para relacionamento. Embora seja bastante claro que o funcionamento do aplicativo se dá por alcance quilométrico, visto que o propósito é encontrar pessoas perto de você, o *Tinder* ainda é um dos aplicativos usados pelos soldados, que admitem, alguns deles, flertar com meninas ucranianas visto sua nova localização. Ver: STEIN, Jeff; SCHMIDT, Samantha; KHUDOV, Kostiantyn. *Tinder na trincheira: como a guerra mudou relações, amor e sexo na Ucrânia*, Estadão, 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/tinder-na-trincheira-como-a-guerra-mudou-relacoes-amor-e-sexo-na-ucrania/>. Acesso em: 1 de out. 2023.

se à distância, mas principalmente nas redes, concebe maneiras de se expressar e, conseqüentemente, de ser. Uma condição que se mostra verdadeira para os diferentes lados, seja para quem produz essas novas estéticas, quanto para quem as consome, gerando transformações significativas na interação humana.

As pessoas atualmente não somente se informam sobre a guerra em plataformas como o *Tik Tok*, a rede social que se tornou particularmente conhecida pelos influenciadores de guerra na Ucrânia, mas todo um público tem se formado politicamente a partir de um repertório imagético de novas relações a serem investigadas. Indaga-se, o que faz com que jovens busquem mostrar, com extrema banalização e, por vezes, com tons de ironia e humor, alguns de seus momentos mais vulneráveis? Talvez, uma possível resposta é a de que a condição de constante vigilância já é uma condição posta e, a partir disso, a relação com os aparatos de vigilância se modifica.

A hibridização das relações que vem acontecendo, sobretudo, por meio da comunicação e, da vontade de comunicar-se, é o que transaciona o poder do *grande irmão*, que antes precisava permear de cima para baixo ou, de fora para dentro, sendo agora parte ou extensão desse corpo humano, principalmente quando se considera o dispositivo móvel quase como um componente biônico.

Na perspectiva de Lyon (2018) este seria o *imaginário de vigilância*, que faz o indivíduo tomar um papel ativo nas práticas que os tornam expostos, embora seja importante distinguir essa performance de uma real capacidade de escolha sobre a sua exposição. Em uma sociedade de sujeitos de vigilância, são muitas as possíveis reações à economia que avança sobre os dados pessoais. Pessoas se veem na necessidade de negociar a respeito de quanto e como suas realidades serão mediadas, porém nunca estão de fato na condição de controle da maneira que gostariam de imaginar. Sujeitos de vigilância podem se sentir ultrajados, resistir, buscar distância ou envolver-se nas práticas de exposição ao ponto que esta se torna um desejo, ou uma arma, como talvez imaginem os influenciadores em combate. Dentro e fora do ciberativismo, muitos parecem acreditar na capacidade de usar ao seu favor a vigilância que outrora fora um mecanismo de coerção do Estado e suas instituições disciplinares.

A complexificação que ocorre com a diluição dos poderes torna mais difuso do que nunca o que é agência do indivíduo e o que é agenciamento estrutural, mostra como não vale mais a pena entender a vigilância a partir da ingenuidade ou simples submissão dos corpos vigiados

(Lyon, 2018). Essas são as novas maneiras de resistência sob a *sociedade de vigilância*, sejam elas intencionais ou não. Na perspectiva de Lyon é o que indica como a atual vigilância transborda departamentos governamentais, agências de polícia, locais de trabalho e não depende mais de estruturas externas, mas depende, acima de tudo, das novas dinâmicas entre corpo, tecnologia e, novamente, comunicação. Sendo, portanto, a maior ameaça a essas dinâmicas tecnopolíticas, a interrupção desta.

Isso implica em um estado posto, constante, ao mesmo tempo frágil, dependente dos meios. Qualquer quebra de funcionamento da comunicação é a principal origem de estresse num sistema vigilante composto por redes (Haraway, 2016). Não obstante, os ataques de guerra hoje têm como alvo não apenas as infraestruturas oficiais de inteligência, mas também a de conectividade como um todo. As novas disputas políticas, sejam por território, seja por poder de influência, passam por determinantes virtuais, mas tal existência depende da materialização de muitos fatores, tais como ondas de rádio, cabos transnacionais de conexão, torres de internet. Esses se tornam invisíveis quando a conectividade é um estado, porém ficam altamente expostos em sua fragilidade quando interrompidos ou quando percebidos. O caso da baixa dos soldados ucranianos evidencia o lado material do estado de conectividade no qual passam despercebidos os elementos físicos e localizáveis da onipresença dos meios de comunicação.

Para Haraway (2016), a fundamentação dos híbridos que compõem o estado de conectividade pode ser condensada na metáfora “C³I”, o símbolo militar para a inteligência das operações. Cabe aqui evocar a metáfora para refletir sobre como, sob o estado de conectividade, o comando em si não é mais tanto do comandante. O poder torna-se mais difuso e o controle é mais pautado pela capacidade de comunicação e pelas redes de informação. Há, nesse sentido, a complexificação do poder que antes irradiava em hierarquias mais ou menos mapeáveis e agora acompanha os corpos e suas agências mediadas pelos celulares.

No contexto das redes sociais, a difusão da comunicação, dos comandos e, portanto, do controle sobre as informações é também entendida como uma questão de *liberdade de expressão*³. Os soldados não apenas expõem as realidades das trincheiras e fazem a

³ A essa condição de exposição, vale ainda ressaltar o papel de outro grupo de porta-vozes, o de jovens ucranianas que, refugiadas em outros países ou, dentro de *bunkers*, entendem a internet como uma ferramenta para a prática de suas cidadanias. No âmbito do conceito de vigilância como proposto por Lyon (2018), uma de suas características-chave é a expansão do Estado de vigilância para o exercício deliberado de uma certa ética (Lyon, 2018). Neste caso, sobretudo uma ética ocidental que evidencia um outro relacionamento com as redes, aquele que ainda vê na internet uma potência democrática e entende a exposição como libertadora.

espetacularização dos corpos em combate. Munidos de câmeras, combatentes criam estratégias de atuação que perpassam a sua presença nas redes. À medida que mostram cenas de combate e expõem a maneira como rendem inimigos, como agem em relação à comida, como se preparam para uma batalha, entre tantos outros, os soldados demonstram capacidade de uma organização mais ou menos autônoma. O compartilhamento de informações sobre o uso de armas, sobre táticas de ataque, defesa, primeiros socorros etc., faz parte de um cenário distópico da cultura *Do-it-yourself* no âmbito da guerra.

Sob o guarda-chuva da cultura de vigilância, estão as reações a essa condição de exposição, que são variadas. Observa-se que jovens buscam encontrar na comunicação um poder, que hoje é tão crucial, tanto quanto o poder de fogo, o poder de influência, de visibilidade. Nessa circunstância, o desejo de se exibir e de ser visto pode ser entendido como um modo de resistência (Lyon, 2018). Tal resistência não age no sentido de fazer frente a essa nova economia da atenção, mas é uma nova adequação das expectativas em relação aos meios digitais e comunicação e a maneira como tomam um papel central nas diferentes esferas da vida. Sem uma perspectiva emancipatória, há o remolde de novas ambições sob o novo imperativo de compartilhar, ser visto passa a ser algo desejado, um mecanismo de poder.

Esse novo poder, seja ele visto como positivo ou não, se configura como uma nova forma de controle das vidas, algo que extrapola a biopolítica foucaultiana, na qual corpos dóceis formam sujeitos inconscientes de sua submissão. Na perspectiva de cultura de vigilância, como proposta por Lyon (2018), a disciplinaridade não é apenas uma força produtiva. Também na esteira do pensamento de Gilles Deleuze e Felix Guattari (2011) a respeito do desejo, ou neste caso, o ímpeto de compartilhar, o resultado produtivo do desejo é a aceitação da vigilância como estado imutável para a reivindicação de, ao menos, parte do que se produz. A exposição não apenas como vulnerabilidade, mas também como tática indica não uma *posição reducionista e passiva*, mas um modo de operar frente às novas realidades materiais, neste caso, virtuais, de existência.

3 Hibridismo do corpo militar conectado

Ver: ROSE, Shelby. *A Ukrainian photographer is using TikTok to turn war zone destruction into art*. CNN, 2022. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2022/03/09/world/tiktok-photographer-ukraine-bunker-valeria-shashenok/index.html>. Acesso em: 1 de out. de 2023.

"[...] A relação entre organismo e máquina tem sido uma guerra de fronteira" (Haraway, 2016, p. 22). Neste mar de informações produzidas voluntariamente é possível observar a contradição própria ao capitalismo de vigilância, como identificado por Zuboff (2019). No mundo dos grandes fluxos há a superação da necessidade de *big brothers* orwellianos, visto que a vigilância se integra ao corpo de maneira quase invisível. As imagens produzidas passam a ser as que nos vigiam e, nesse sentido, os grandes olhos que nos monitoram veem pelos nossos olhos (Beiguelman, 2021). No entanto, não é incomum que essa subversão seja entendida como domínio ou confundida como liberdade. Por vezes, na sociedade de vigilância, se esquece que esta suposta capacidade de se autovigiar não significa uma subversão dos poderes, embora certamente os tornem mais complexos. Haraway indica que as máquinas modernas são como éter, ocupam toda parte sem serem vistas, cada vez menores e menos perceptíveis, sua miniatura é também a amplificação do seu poder (Haraway, 2016, p. 28). Tal poder passa também por essa falsa sensação de dominação, aquela que é própria do imaginário humano sobre as máquinas, ou imaginário sociotécnico, aquele que se constrói sob o mito da dominação e da transcendência humana que passa pela morte do primitivo e constrói assim, o homem moderno.

Na obra *Visões Primatas*, publicada em 1989, Haraway aborda a relação entre o mito da origem da modernidade e a busca do ser humano por diferenciação em relação aos outros seres. No cerne de sua análise, encontra-se a exploração dessa busca pela distinção, que simultaneamente procura estabelecer uma hierarquia *natural* fundamentada na suposta capacidade de dominação. Capacidade essa intrinsecamente ligada às novas oportunidades viabilizadas pela tecnologia e aos ideais que norteiam a construção de um mundo moderno. Neste, há a preponderância do homem em relação a todos os demais, ele se coloca no topo de uma cadeia social e biológica, atribuindo isso não somente a sua força, mas principalmente à sua racionalidade como meio de ascensão incontestável. A tecnologia, a inteligência, a tática, a estratégia e a organização das instituições giram a favor deste grande ideal que vem sempre encarnado na figura do homem. Ao abordar Franklin Roosevelt e a construção de sua figura máscula em incursão e caça nas florestas, Haraway (2016) aponta como tal ideal se materializa historicamente na construção dos nossos mitos modernos. Para além de outras reflexões, ao evocar o repertório imagético presente nas narrativas pensadas para os museus naturais e para as biografias dos heróis nacionais, Haraway é capaz de também acessar esse grande mito

originário, aquele que justamente cria a ideia de homem em oposição aos animais e outras espécies.

O nascimento do homem acontece quando ele não só é capaz de matar, mas de dominar, matar e empalhar, enquadrar e expor, dentro do museu que conta a sua própria versão da história, este ser do qual ele se distingue. É a construção do homem em oposição ao animal, é o vencimento da sua espécie, é a criação do antropoceno, a confirmação do que foi prometido pelas divindades no jardim do Éden. Por esse motivo, é quando ele mata o seu primeiro gorila que ele sente o encantamento do *jardim perfeito* (Haraway, 1989). Em citação à Simone de Beauvoir, Haraway destaca que este homem não representa o humano em si, mas sim o homem humano somente, este que arrisca a sua vida e ao fazê-lo, alcança a sua própria existência. No patriarcado dos *Teddy Bears*, a arte de matar é o que faz o nascimento do homem (Haraway, 1989).

Mais especificamente, o homem moderno não entra em confronto sem o intermédio da tecnologia. Matar com as próprias mãos e não com uma espingarda faria dele um selvagem. A guerra como sinônimo da racionalidade levada ao extremo é um ideal que anda de mãos dadas com a ideia de civilização e a suposta capacidade humana de encontrar, na ciência, na produção de conhecimento aplicado e, sobretudo, nos empreendimentos maquímicos e tecnológicos, a aposta na superioridade humana. Esta mesma humanidade que, sem tal maquinaria, está necessariamente abaixo, não é otimizada, não possui capacidades ótimas de ação, pois não estaria fazendo o melhor uso que pode fazer da sua racionalidade. A junção de homem e máquina, vem, nesse sentido, alinhada ao discurso de progresso, de nação e de construção de um novo tipo ideal de humanidade. A glória dessa *fusão* está em permitir que o humano renegue suas condições propriamente humanas de subaproveitamento inerentes a própria existência e que, ao adotar métodos de otimização, torna-se este outro ser, neste caso, o homem moderno ou o homem civilizado, que se almeja sobre-humano, transcendente.

A cargo das instituições que lhe conferem a inteligência tática e o uso “legítimo” da força, ele recorre da violência para defender que a violência não é mais necessária, visto que essa seria uma expressão da irracionalidade. É justamente levando em conta tais contradições e, na perspectiva de Haraway (1989), sem poder lançar mão do nem sempre tão convincente poder de *síntese* — transforma o homem militar, nesta *terceira via* que consiste em um homem tão racional quanto humano —, em que é possível entender um pouco da fragilidade da própria concepção de modernidade. Este é o mito do ciborgue que consiste como alvo de Haraway

(2016). É o ciborgue que orienta homens de ferro, *robocops* e todo tipo de *cyber-humano* cujo conflito entre o que é biológico e maquínico é sempre hiper-visível. Aqui o fascínio pelo mito ciborgue ainda está intacto da mesma maneira que o fascínio pelas totalidades orgânicas e, sobretudo, pela contradição que busca na superioridade do homem, a sua distinção em relação às outras espécies, mas para além disso, a superioridade em relação ao próprio humano, no qual observa-se sua maior contradição.

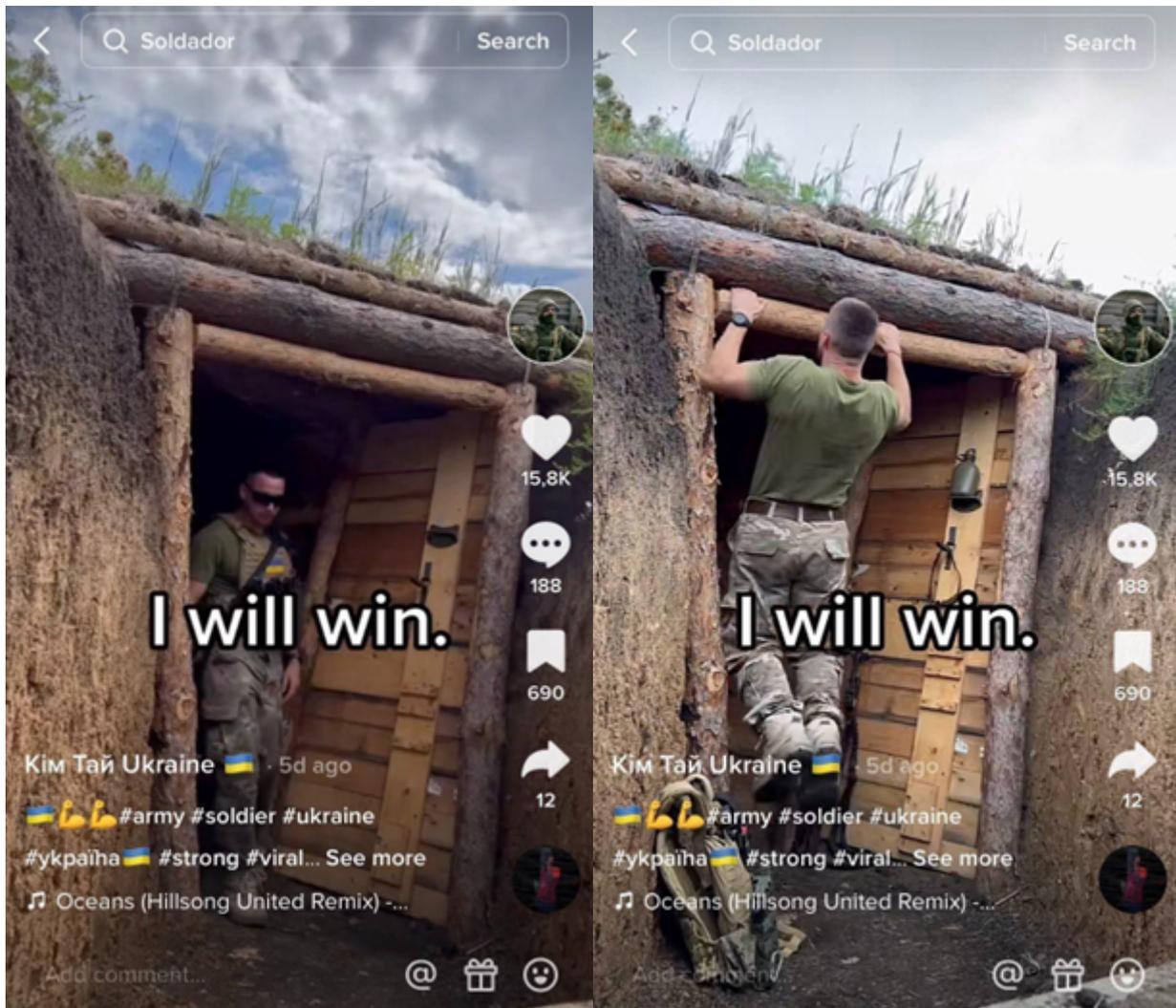
De mãos dadas com o super-herói ciborgue está também a concepção de masculinidade. Nesse sentido, o *Teddy Bear* é um símbolo poderoso que une, em uma só figura, o ciclo mítico exposto por Haraway (2016) a respeito da inocência original, da dominação e da morte, elementos essenciais à narrativa do homem ciborgue. O pequeno urso empalhado que se tornou ícone infantil carrega consigo uma carga semiótica que abrange algumas das maiores contradições do homem moderno em sua busca por autoafirmação. Na figura do caçador, aqui posta em semelhança a do militar, tem-se a afirmação do ideal de masculinidade que dá sentido e, portanto, continuidade à narrativa predominante do ideal civilizatório.

É importante ainda, notar como essa masculinidade desenvolvida por soldados na Europa se beneficia de uma possibilidade de entrar em contato com a violência sem que isso os torne, necessariamente, bárbaros. Homens brancos lutando por seu país são mártires, homens brancos que lutam pelo seu país e, nesse meio tempo, cometem crimes de guerra e se deixam levar pelos sentimentos mais primitivos do *front*, são anti-heróis que possuem o direito de entrar em contato com o seu lado *humano* não tão admirável. A violência faz parte de uma fantasia que, por sua vez, faz parte de um certo ideal de masculinidade exaltado no mito ciborgue. Não apenas, esta liberdade existe porque também existe, do outro lado, a construção do outro, do outro lado das trincheiras, reafirmando o seu papel de uma guerra justa.

As Figuras 3 e 4 apresentam os *prints* de vídeo de soldado ucraniano em trincheira extremamente elaborada, nota-se que exibe o seu preparo físico e suas condições materiais para o combate na rede social *TikTok*⁴.

⁴ O vídeo postado pela conta @soldierukrainewin, em 20 de junho de 2023. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@soldierukrainewin/video/7246698556180974850>.

Figuras 3 e 4 - Prints de vídeo de soldado ucraniano em trincheira extremamente elaborada



Fonte: TikTok

Nesse sentido, o ciborgue que pode ser percebido no corpo militarizado não é algo a ser celebrado, mas uma suposta síntese que não deve ser aceita sem contestação. Em contrapartida, o ciborgue proposto por uma nova ontologia humana é aquele que une uma contradição que, assim como proposta por Haraway (2016) no manifesto ciborgue, não deve e não pode ser entendida como um todo. Isso porque as partes incompatíveis, quando unidas, são todas necessárias e verdadeiras, porém não de modo a colocar o humano em conflito com o biológico (Haraway, 2016). A relação conflituosa entre o *puramente humano* e a máquina não existe no híbrido de Haraway. Sua proposta é dar fim ao mito a respeito da identidade do homem

construída em cima destes contrastes que informam o imaginário político do final do século XX.

As históricas originárias falocêntricas mais cruciais para ciborgues feministas são aquelas criadas a partir de tecnologias literais - tecnologias que escrevem o mundo, biotecnologia e microeletrônica - que recentemente textualizaram nossos corpos como problemas de código na grade de C³I. As histórias feministas ciborgues têm a tarefa de registrar a comunicação e inteligência para subverter o comando e controle (Haraway, 2016, p. 55-56).

Para Haraway (2016), o ciborgue pode, ou deve ser, a negação dessa racionalidade que só é capaz de enxergar o dual, de lógicas limitadas ao binarismo e que, desse modo, justificam distinções. Aprender com o hibridismo, nesse sentido, significa desapegar do purismo, é usar dessas novas capacidades formadas a partir do que é impuro como potências para o que é propriamente humano. A esse tipo de pensamento, a autora atribui ao conhecimento feminista, aquele que pode subverter o comando e o controle e almejar novas comunicações, novas possibilidades de existência que fogem ao binarismo e a lógica de submissões que a acompanha.

4 Aprender com o corpo

A reivindicação de Haraway (1995) é, portanto, por uma outra lógica que não a técnico-científica que origina o militarismo. É nesse sentido que a autora irá abordar o privilégio da perspectiva parcial em sua obra *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo*, e vai ao cerne da questão ao propor uma nova maneira de se pensar uma objetividade. Nela, parte-se do ponto de que a objetividade, como concebida na hegemonia científica branca e masculina, promete um ideal de ciência no qual nem todos são capazes de ser cientistas, no qual, a uns, é destinado o lugar de objeto da ciência. Ao assumir o pensamento racional-científico como saber localizado, tão importante quanto perguntar quem pode praticá-la é perguntar quais são ou quais podem ser os seus objetivos. Uma vez assumindo a possibilidade de perspectivas outras como ponto de partida para o fazer científico, os objetivos certamente se tornam mais plurais, de modo que a ciência comprometida visa não somente deixar de ser neutra, mas principalmente, tornar-se mais inclusiva.

A proposta metodológica de Haraway (1995) sobre aprender com o corpo tem por objetivo a noção de que a corporificação do saber traz como consequência a quebra de expectativa sobre uma ciência que está *acima*, que observa seus objetos de interesse com a possibilidade de distância. A essa suposta capacidade, Haraway irá nomear de *olhar de Deus* (Haraway, 1995), o olhar que tudo vê, de lugar nenhum e sem um corpo. Contudo, embora a visão seja um recurso metafórico que, em geral, é usado como sinônimo de recurso para a descoberta de verdades, em relação ao qual todos os recursos sensoriais tendem a ceder passagem, aqui a visão será submetida ao corpo, só vê quem possui olhos encarnados, dessa maneira, fundamentalmente diferente de Deus.

Para além de limitar, o resgate da visão como sentido útil para pensar a ciência busca *delimitar*. Assim, o propósito de uma objetividade parcial (em oposição à neutra) não é transcender, não se pretende ser onipresente, onisciente e muito menos incontestável, ela se projeta como responsável pelo que produz. Caso a perspectiva parcial se pretendesse universal, da mesma maneira que os discursos que se pressupõem neutros, estaria prometendo mais do que pode cumprir como produção científica, estaria se lançando na produção de generalizações⁵, ou de verdades absolutas — o que é diferente de ciência. O que se aprende com a perspectiva parcial, ou o que se aprende com a corporificação do discurso, é justamente que, para o fazer científico, não é possível se falar de lugar nenhum, a não ser que se esteja almejando a produção de um discurso generalizante, simplista e sem a percepção de suas reais limitações (Haraway, 1995). Aqui a contribuição passa por compreender a relevância dos discursos localizados, aqueles subjugados por serem considerados políticos, interessados, não-neutros e, por fim, subalternizados.

Embora a obra de Haraway (1995) esteja se referindo ao lugar do subalterno, a possibilidade de se aprender com o corpo, nesse sentido, significa partir da percepção de quem nunca negou *o núcleo crítico e interpretativo de todo conhecimento*. Aprende-se com o subalterno pois “os subjugados têm uma possibilidade decente de reconhecer o truque de Deus e toda a sua brilhante — e, portanto, engeuecedora — iluminação” (Haraway, 1995, p. 23). Assim, de modo

⁵ Um ponto importante a ser destacado sobre a contribuição de Haraway é que, embora ela esteja reivindicando uma expansão dos pontos de vista a serem considerados, a autora não propõe uma *relativização*, pois relativizar leva ao mesmo caminho da visão de *truque de Deus* (Haraway, 1995), no qual se pretende ser possível considerar tudo. Pelo contrário, Haraway propõe a importância da perspectiva parcial, aquela que enxerga suas limitações. A alternativa ao relativismo são saberes parciais, localizáveis, críticos, apoiados na possibilidade de redes de conexão, chamadas de solidariedade em política e de conversas compartilhadas em epistemologia (Haraway, 1995).

a subverter a noção de parcialidade como um limitante, transformando-a em uma potência e, para além disso, uma necessidade, Haraway indica o primeiro passo para repensar metodologias que não tenham como resultado a produção de um subalterno, que fuja dos binarismos contrastantes e excludentes entre si que tornam *este outro o bode expiatório do eu*.

Ao falar da perspectiva parcial como um privilégio, em tom de manifesto, Haraway coloca em xeque a visão objetiva que também promete o paraíso, dessa vez não na reificação do homem, mas da sua imagem-semelhança: a figura de Deus. A metodologia feminista propõe então, o fim da transcendência deste homem descorporificado ou corporificado na figura do mito ciborgue, o dessacraliza. O caminho, para Haraway (1995), não pode ser o da desmaterialização, mas pelo contrário, a corporificação possível, seja este corpo como ele for, não apenas a do homem branco, másculo, dominador, *racional*. Para além de uma metodologia científica proposta a partir do pensamento feminista, há aqui uma nova ontologia humana.

5 Por uma ontologia ciborgue ou uma nova ontologia humana

“Quem os ciborgues se tornarão é uma pergunta radical; a resposta é uma questão de sobrevivência” (Haraway, 2016, p. 27). À medida que a guerra, por natureza, é a ênfase no dualismo, na separação, na subalternização e da justificativa para a dominação, seus *soldados ciborgues*, por mais híbridos que sejam, não comportam a *ironia* presente nas contradições que não pretendem se transformar em um puro e homogêneo *todo*, mesmo dialeticamente. É a graça de estar, ao mesmo tempo, com partes aparentemente incompatíveis e inseparáveis que se mostram ambas necessárias e verdadeiras (Haraway, 2016). A lógica das antinomias serve, portanto, à dominação. Persistentes nas tradições ocidentais, os dualismos sistematicamente serviram para dominação de mulheres, de pessoas de cor, da natureza, dos animais etc., em suma, a todos aqueles que eram *Outros* na projeção do *eu* (Haraway, 1995).

Na figura do militar, os ideais que compõem o significado da Nação, essa cujo filho precisa defender até a morte, são homogeneizantes. Aos filhos que se assemelham às projeções dessa mãe, cabe protegê-la, defendê-la, suas fronteiras e, dentro delas, toda a lógica excludente que reforça sua distinção em relação ao país do outro lado. Aos filhos bastardos, que se distanciam da pátria mãe e não são feitos à sua semelhança, a morte vem da mesma maneira, porém de forma menos gloriosa. Ao passo que a nação não abarca a pluralidade de filhos, mas busca a

aproximação a um indivíduo bastante específico, não cabe a eles o renascimento, a purificação e o retorno à origem⁶. A esses, cabe a vida nas fronteiras em oposição às trincheiras.

É a habilidade de *viver nas fronteiras*, segundo Haraway, que permite a vida de todos, não somente de alguns e, portanto, é nesse sentido que a sua subversão do mito do ciborgue é, antes de tudo, uma questão de vida ou de morte. O ciborgue orientado por uma perspectiva política, parcial, feminista, a qual não é permitida viver vagando sem o próprio corpo, é a perspectiva encarnada que não precisa de um mito purificador de origem. O ciborgue não deve ser a figura mitológica do homem que supera a si mesmo, mas pode ser a aceitação do homem real que, nas trincheiras, com seu celular, vive as contradições de um mundo conectado e, ao mesmo tempo, partido, no qual se encontra em estado de vulnerabilidade e não de heroísmo. A nova ontologia humana é a favor da pluralidade e não busca o retorno à sua purificação original por meio da morte, nem da sua nem a do seu outro. O ciborgue de Haraway (2016), desse modo, não vive no futuro, mas se trata dele e, justamente por isso, mora no presente, quando novos imaginários sociotécnicos precisam ser construídos.

En la Frontera tú eres el campo de batalla; donde los enemigos están emparentados entre sí; tú estás en casa, una extraña, las disputas de límites han sido dirimidas, el estampido de los disparos ha hecho trizas la tregua, estás herida, perdida en acción; muerta, resistiendo; Vivir en la Frontera significa el molino con los blancos dientes de navaja quiere arrancar en tiras tu piel rojo-oliva, exprimir la pulpa, tu corazón pulverizarte apretarte alisarte; oliendo como pan blanco pero muerta; Para sobrevivir en la Frontera debes vivir sin fronteras. Ser un cruce de caminos. Glória Anzaldúa - La frontera (1987).

Referências

ANZALDÚA, Glória., 2015 [1987]. *Bordelands/La Frontera: La nueva mestiza*. México, Dirección General de Publicaciones y Fomento Editorial (Unam). pp. 261-262 1987.

BEIGUELMAN, Giselle. *Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera*. São Paulo: Ubu Editora, pp. 62-63, 2021.

Deleuze, G. E Guattari, F. *O Anti-Édipo*. 2ª ed., São Paulo: Editora 34, 2011.

⁶ "O principal problema com os ciborgues, é claro, é que são os filhos ilegítimos do militarismo e do capitalismo patriarcal, sem mencionar o socialismo estatal. Mas os filhos ilegítimos frequentemente são extremamente infelizes às suas origens. Afinal, seus pais são irrelevantes" (Haraway, 2016, p. 24).

HARAWAY, Donna. *Manifesto Ciborgue: Ciência, Tecnologia e feminismo socialista no final do século XX*, 2016.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 5, pp. 7-41, 1995.

HARAWAY, Donna. Teddy bear patriarchy: Taxidermy in the garden of Eden. In: Haraway, Donna. *Primate visions: Gender, race, and nature in the world of modern science*. Psychology Press, 1989.

LATOURETTE, Bruno. On technical mediation - philosophy, sociology, genealogy. *Common Knowledge*, v. 3, n. 2, p. 29-64, 1994.

LYON, David. "Cultura da vigilância: envolvimento, exposição e ética na modernidade digital." In: *Tecnopolíticas da Vigilância: perspectivas da margem*. São Paulo: Boitempo, 2018.

STEIN, Jeff; SCHMIDT, Samantha; KHUDOV, Kostiantyn. *Tinder na trincheira: como a guerra mudou relações, amor e sexo na Ucrânia*. O Estadão, São Paulo, 1 abr. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/tinder-na-trincheira-como-a-guerra-mudou-relacoes-amor-e-sexo-na-ucrania/>. Acesso em: 1 de out. 2023.

TIKTOK. Offluisera. Guerra na Ucrânia. Publicado em: 3 ago. 2023. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@brdgxedits/video/7127483411584863494?q=brdgxedits%20%23guerra&t=1696185064203>. Acesso em: 1 de out. 2023.

TIKTOK. Soldierukrainewin. Guerra na Ucrânia. Publicado em: 20 junho 2022 Disponível em: <https://www.tiktok.com/@soldierukrainewin/video/7246698556180974850>. Acesso em: 1 de out. 2023.

ZUBOFF, Shoshana. *The Age of Surveillance Capitalism: The fight for a human future at the new frontier of power*. New York: PublicAffairs, 2019.

Yasmin Curzi - Fundação Getúlio Vargas - FGV Direito Rio

Doutora pelo IESP-UERJ, professora na FGV Direito Rio, pesquisadora no Centro de Tecnologia (CTS-FGV) e coordenadora do Programa Diversidade & Inclusão.

E-mail: yasmin.mendonca@fgv.br

Giullia Thomaz - Universidade Federal do Rio de Janeiro - IFCS-UFRJ

Mestranda no programa de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS-UFRJ) e pesquisadora no Centro de Tecnologia e Sociedade da Fundação Getúlio Vargas (CTS-FGV).

E-mail: giullia.thomaz@fgv.br